

A GEOGRAFIA MODERNA EM PERNAMBUCO

TADEU ROCHA

O prof. TADEU ROCHA, sócio cooperador da A.G.B., é professor de Geografia em estabelecimentos de ensino na capital pernambucana, onde também milita ativamente no jornalismo. O estudo de sua autoria, que oferecemos aos nossos leitores, dá-nos uma idéia exata do que já conseguiram realizar os geógrafos de Pernambuco, sobretudo a atual geração, em sua maioria integrada nas diretrizes da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Saiu publicado no suplemento literário do Diário de Pernambuco, em suas edições de 3, 10 e 17 de janeiro do ano corrente, de onde, data venia, transcrevemos com muita satisfação.

I

Nos fins do século passado e nos começos do atual, a Geografia pernambucana começou a tomar novos rumos, com as inteligentes incursões dos historiadores PEREIRA DA COSTA e ALFREDO DE CARVALHO nos seus domínios especializados. Abandonando a tradicional preocupação com os dicionários de topônimos ou de acidentes geográficos pela compreensão dos fatos de Geografia Física e Humana, o escritor ARTUR ORLANDO publicou os grandes livros "Pôrto e Cidade do Recife" (1908) e "Brasil — A Terra e o Homem" (1913). Era a objetivação da interpretação geográfica, segundo as novas diretivas de Humboldt, Ritter, Ratzel e Vidal de la Blache.

Com este novo espírito foi que o historiador MÁRIO MELO fez os seus ensaios sobre o arquipélago de Fernando de Noronha (1916) e os dois Arraiais do Bom Jesus (1917). Obedecendo, porém, aos velhos modelos, organizou um "Esbôço Potamográfico" (1919), onde os rios pernambucanos são estudados em ordem alfabética. Dois anos depois, o mesmo historiador, atendendo a um convite da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, por indicação de Oliveira Lima, escreveu a sua minuciosa "Corografia de Pernambuco", cuja riqueza de informações é prejudicada pela excessiva nomenclatura em assuntos de Fisiografia. Ao que observa o prof. Hilton Sette, nessa "útil e bem organizada documentação de tudo quanto se sabe ou se tem escrito sobre o Estado", o sr. Mário Melo incluí o levantamento e a localização de mais de cem nomes orográficos.

Cabe ao prof. AGAMENON MAGALHÃES introduzir em terras nordestinas, nesse mesmo ano de 1921, o moderno espírito geográfico, trazido da França pelo prof. Delgado de Carvalho e aqui vulgarizado sobretudo com a publicação de sua "Geografia do Brasil" (1913). Numa tese de concurso para o antigo Ginásio Pernambucano — "O Nordeste Brasileiro (O Habitat e A Gens)" — Agamenon Magalhães estuda as paisagens natural e cultural desta região, citando uma excelente bibliografia, em que aparecem os nomes dos grandes mestres da nova ciência geográfica. Seu concorrente, o prof. ALCINO COELHO, preferiu um tema de Geografia Geral — "Os Rios e seus Fenômenos Vitais" (1922), em cujo desenvolvimento mostra vastas leituras sobre o assunto, principalmente dos mestres franceses.

Ainda nos fins do primeiro quartel deste século, deflagrou no Recife o primeiro movimento regionalista do Nordeste — o "regionalismo tradicionalista" — iniciado pelo sociólogo Gilberto Freyre em abril de 1923. O movimento alastrou-se pelas terras de Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte, valorizando o homem e as coisas desta região, numa interpretação realística dos nossos fatos geográficos, históricos, sociais e econômicos. O "regionalismo tradicionalista" criou uma nova mentalidade entre os jovens intelectuais do Nordeste, impregnando de um sadio regionalismo as nossas modernas pesquisas científicas e as nossas melhores experiências artísticas. E a Geografia não ficou excluída desse novo espírito, propagado a partir desta nossa metrópole regional.

Ao concurso de Geografia Geral, Corografia do Brasil e Noções de Cosmografia da antiga Escola Normal do Estado, aberto em 1932, apresentaram-se os profs. DÁCIO RABELO e MOTA E ALBUQUERQUE FILHO, que tiveram de escrever teses sobre um mesmo ponto sorteado: "O Nordeste brasileiro: Pernambuco, centro e origem de toda civilização nordestina". Em ambos os trabalhos já se percebe o novo sentido de interpretação geográfica, desprezada a "preocupação meramente descritiva", como acentua o prof. Dácio Rabelo na introdução de sua tese. Sentido que também se encontra inicialmente expresso pelo prof. Mota e Albuquerque, ao esclarecer que "o objetivo verdadeiro da tese a desenvolver é o estudo de Pernambuco, em primeiro lugar como centro e depois como origem de toda civilização nordestina".

Merece, agora, especial referência o ensaio intitulado "Nordeste", do sociólogo GILBERTO FREYRE, pelas suas relações com a Geografia Humana da Região; é "uma tentativa de estudo ecológico", diz o autor. Aparecido em 1937, veio animar os jovens cultores dos estudos regionais a não temerem o pitoresco, o humilde;

o vulgar, desde que caracterizem a terra e o homem, numa realidade parcial de interesse histórico, geográfico, sociológico, econômico ou político. Nesse notável livro "esquemático e quase impressionista", o centro de interesse é o homem "em suas relações com a terra, com o nativo, com as águas, com as plantas, com os animais da região ou importados da Europa ou da África".

Beneficiando-se desse espírito regionalista e dos novos influxos partidos do Conselho Nacional de Geografia e da Associação dos Geógrafos Brasileiros, através das suas publicações especializadas, os profs. MÁRIO LACERDA DE MELO e GILBERTO OSÓRIO DE ANDRADE escreveram, em 1940, teses de concurso para o antigo Ginásio Pernambucano. E ambos os concorrentes abordaram assuntos de Geografia Regional: "Pernambuco: Traços de sua Geografia Humana", foi o tema escolhido pelo sr. Mário Lacerda; e "Um Complexo Antropogeográfico (Lineamentos para uma Geografia Total da Amazônia)", constituiu o assunto do ensaio do sr. Gilberto Osório. Os dois autores valeram-se dos seus trabalhos de pesquisas, inclusive "observações pessoais diretas", como revela o prof. Gilberto Osório; ou, predominantemente, "observação direta dos fenômenos", no dizer do prof. Mário Lacerda.

Se Agamenon Magalhães foi o precursor da nova Geografia Regional em terras pernambucanas, os profs. Mário Lacerda e Gilberto Osório foram os seus consolidadores. Seis anos após a publicação dos seus ensaios, o prof. HILTON SERTÉ redigiu uma tese sobre as "Regiões Naturais do Estado de Pernambuco" (1946), iniciando o seu valioso trabalho com estas palavras bem sintomáticas: "Sempre consideramos o estudo das regiões naturais o objetivo principal da ciência geográfica". No texto do seu trabalho, o autor refere as suas pesquisas de campo, inclusive na área ocidental das caatingas do médio S. Francisco.

Filiando-se à corrente renovadora dos nossos estudos geográficos, o prof. VASCONCELOS SOBRINHO publicou, em 1949, um ensaio sobre "As Regiões Naturais de Pernambuco, o Meio e a Civilização". Sem ser um profissional do ensino da Geografia, o autor impregnou-se dos métodos modernos de investigações geográficas e deu-nos importantes depoimentos, em que certas imprecisões em matéria de Fisiografia devem ser levados à conta do seu empenho na observação pessoal dos fenômenos. Na verdade, as páginas do livro do sr. Vasconcelos Sobrinho foram vividas pelo próprio autor, na observação direta do meio físico e da civilização pernambucana, e no estudo dos nossos problemas rurais de natureza econômica e social.

Nos fins do mesmo ano, o prof. SOUZA BARROS, outrô não-profissional do ensino da Geografia, inseriu na "Revista Brasileira

de Geografia" (ano XI, n. 3), um pequeno porém denso trabalho sobre as "Raízes Tropicais do Nordeste". Com a sua experiência de professor de Sociologia Regional e a sua conhecida técnica no emprego do método estatístico, o sr. Souza Barros analisa as condições de clima e solo desta região, concluindo por uma espécie de determinismo mesológico, que a seu vêr ainda teria piores efeitos com o adensamento da população. Segundo escreveu o prof. Mário Lacerda, há no trabalho do sr. Souza Barros "uma tendência para cair no excesso oposto à de pura exaltação ufanista". Pessimismo que já tínhamos notado no livro do sr. Vasconcelos Sobrinho, onde também se lembra a agressividade do meio nordestino e se esquece que não temos utilizado a técnica para amenizar os seus efeitos. Como exemplo, basta lembrar que não empregamos devidamente os dois combustíveis da civilização moderna — o carvão e o petróleo — nem aproveitamos a força dos nossos poucos rios perenes.

II

Não pretendemos incluir neste trabalho a bibliografia geográfica pernambucana dos últimos tempos. Mas não podemos deixar de contrastar o aparecimento, em 1949, de uma tese erudita do prof. GILBERTO OSÓRIO DE ANDRADE — "A Escória do Planeta" — com a publicação, no ano seguinte, da 45.^a edição melhorada das "Noções Geográficas e Históricas do Brasil e do Estado de Pernambuco". Enquanto o novo espírito geográfico se afirmava no ensino superior desta metrópole regional, uma livraria recifense houve por bem reeditar o velho folheto, em perguntas e respostas, do professor jubilado Eleutério Roberto Távares do "Espírito Santo". A Geografia decorada continuava a ter adeptos, que garantiam um mercado certo para compêndios escolares inatualizados e antididáticos.

A contar de 1950, apareceram, porém, diversos compêndios modernos de autores pernambucanos, sendo três deles da lavra do prof. HILTON SETTE: "Pontos de Geografia do Brasil", "Pontos de Geografia e História de Pernambuco" (em colaboração com o prof. Manoel Correia de Andrade) e um livro de Geografia Geral para o curso colegial. Aproveitando a própria experiência didática, os professores recifenses davam, por êsse modo, sua contribuição à nova metodologia do ensino geográfico, que frustra as intenções de muitos alunos de memorizar nomes geográficos para a obtenção de boas notas nos trabalhos escolares.

No ano de 1952, o prof. MÁURO MOTA, da cadeira de Geografia do Brasil do Instituto de Educação do Estado, publicou as anotações.

de sua viagem à zona dos Cariris Novos, nas quais os fatores humanos sobressaem nas paisagens geográficas observadas. "No Roteiro do Cariri", o autor surpreendeu "cidades de gasolina" surgindo à beira das estradas, mas também viu caatingas ressequidas e presenciou a luta do homem pela água. No terrível embate do homem com a natureza, o professor recifense descobre o grande aliado do sertanejo: "Se se tivesse de erguer um monumento na confluência dos sertões do Nordeste, em reconhecimento a serviços valiosos e contínuos prestados à região, mais do que qualquer grande do governo ou da política, um jumento de bronze deveria subir no pedestal".

Nos fins desse mesmo ano, o Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia de Pernambuco editou a aula inaugural do ano letivo nessa escola da nossa Universidade, proferida pelo prof. GILBERTO OSÓRIO, sobre "Ares e Ventos do Recife". Analisando a evolução histórica do estudo climático desta capital, o catedrático de Geografia Física de nossas Faculdades de Filosofia emite as suas opiniões sobre as relações do homem com o meio recifense e acaba por concluir que, "de quantos fatores bioclimáticos entre nós afirmados como responsáveis pela insalubridade histórica do meio, o vento é, com efeito, o que merece menos má reputação".

A criação sucessiva de três Faculdades de Filosofia na metrópole do Nordeste, por iniciativa das Irmãs Dorotéias, dos Padres Jesuítas e do Governo, do Estado, veio animar os estudos geográficos em Pernambuco, sobretudo com a integração das Faculdades de Filosofia do Recife e de Pernambuco em nossa Universidade oficial. As pequenas excursões pela planície recifense, que alguns professores cusavam fazer com os seus alunos do curso secundário, puderam ser estendidas ao agreste e ao sertão, utilizando-se a técnica dos trabalhos em equipe, adotada pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, nas suas assembléias anuais.

A primeira grande excursão foi realizada em fins de setembro de 1951, promovida pelo prof. GILBERTO OSÓRIO e destinada ao estudo da região de Paulo Afonso. Nos primeiros dias de junho de 1953, fez-se a primeira excursão geográfica à Serra Negra, no sertão pernambucano, por iniciativa dos profs. GILBERTO OSÓRIO e MÁRIO LACERDA. Este último professor, nos começos de novembro do mesmo ano, promoveu estudos no esporão ocidental da Borborema em Pernambuco, em que tomaram parte seus alunos de ambas as Faculdades de Filosofia da Universidade do Recife. Na excursão etnográfica a Aguas Belas, organizada pelo prof. ESTÊVÃO PINTO na segunda quinzena de setembro de 1953, figuraram dois professores de Geografia, com o fim de orientarem os alunos em suas

observações no roteiro para o sertão baixo, através das zonas da mata e do agreste.

Na Faculdade de Filosofia de Pernambuco também funcionou, em 1952, um Seminário Geográfico, tomando-se por tema geral do ano a cidade do Recife. Nesse mesmo ano letivo, objetivou-se a idéia do prof. DÁCIO RABELO, das cadeiras de Geografia do Brasil das nossas Faculdades de Filosofia, de dotar o curso de formação de professoras, do Instituto de Educação, de uma cadeira de Geografia e História de Pernambuco. Vale aqui lembrar que a idéia do atual diretor do Instituto de Educação se converteu em norma oficial por um decreto do prof. Agamenon Magalhães, então governador do Estado. Não é, realmente, ideal para a Geografia este consórcio tão estreito com a História: uma das duas matérias levará a melhor parte. Entretanto, a criação de uma cadeira complexa é um caminho para a autonomia didática das suas partes, num futuro não muito remoto.

Fato bem auspicioso para a nova Geografia pernambucana foi a integração do DIÁRIO DE PERNAMBUCO no seu movimento renovador, graças ao interesse do prof. MAURO MOTA, redator-secretário do velho periódico. O mais antigo jornal em circulação na América Latina abriu as suas colunas para sucessivas reportagens de fundo geográfico sobre assuntos regionais e fez-se representar nas duas últimas assembléias anuais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, reunidas na Paraíba e em Mato Grosso, credenciando como enviado especial um participante pernambucano das pesquisas periódicas da A. G. B.

III

O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social é um órgão do Ministério da Educação, sediado no Recife, tendo por fim o estudo das condições de vida do trabalhador rural do Nordeste. Instalado oficialmente a 2 de setembro de 1950, o Instituto iniciou o seu trabalho em janeiro do ano seguinte, através dos departamentos de Sociologia, Antropologia, Economia, Estatística e Geografia Humana. A organização deste último foi confiada ao prof. MÁRIO LACERDA, que representou o Instituto na VII assembléia da Associação dos Geógrafos Brasileiros, reunida na Paraíba em janeiro de 1952. Por sua iniciativa, também participaram dessa reunião científica os profs. HILTON SETTE e TADEU ROCHA, sendo todos integrados na equipe chefiada pelo geógrafo José Veríssimo da Costa Pereira, para o estudo de uma área do Município de Areia.

O relatório dos trabalhos dessa equipe foi apresentado, discutido e aprovado numa sessão plenária realizada em João Pessoa e hoje constitui uma das publicações da Faculdade de Filosofia de Pernambuco, sob o título de "Aspectos da Geografia Agrária do Brejo Paraibano". Eleito presidente da A. G. B., o prof. José Veríssimo, de passagem pelo Recife, promoveu uma reunião dessa entidade no Instituto Joaquim Nabuco, onde foram expostos os resultados das pesquisas feitas na Paraíba. Nessa ocasião, o novo presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros designou os seus três companheiros de equipe no brejo paraibano e mais os profs. PAULO MACIEL, MAURO MOTA, GILBERTO OSÓRIO e MANUEL CORREIA para constituírem a comissão organizadora da Secção Regional da A. G. B. em Pernambuco.

No correr do primeiro semestre de 1952, o Instituto Joaquim Nabuco iniciou um programa de intercâmbio cultural luso-brasileiro, promovendo visitas de professores portugueses, entre os quais o geógrafo Orlando Ribeiro, da Universidade de Lisboa. O mestre português excursionou até à faixa ocidental do agreste pernambucano e realizou pesquisas na planície do Recife e na Zona da Mata, fazendo ainda conferências no Instituto sobre a "Gênese de Portugal". Professores recifenses acompanharam o geógrafo de Lisboa em todas as suas excursões e pesquisas, em que não foram omitidos um vôo sobre esta capital e a navegação do Capibaribe até Caxangá.

Na qualidade de membro da Associação dos Geógrafos Brasileiros, o prof. MÁRIO LACERDA fez parte de sua delegação ao XVII Congresso Internacional de Geografia, que se reuniu em Washington, em agosto de 1952. Ali também êle compareceu como delegado da Universidade do Recife, a cuja Reitoria apresentou um circunstanciado relatório desse conclave científico. Ainda como sócio da A. G. B. e catedrático de Geografia Humana da Universidade do Recife, o mesmo professor foi escolhido representante das Universidades Federais na Comissão Nacional da União Geográfica Internacional, a qual se instalou solenemente no Rio de Janeiro, em fins de novembro de 1953.

A presidência da Associação dos Geógrafos Brasileiros convidou os organizadores da Secção Regional de Pernambuco a participarem de sua VIII assembléia, em Cuiabá, na segunda quinzena de julho de 1953. Mas só viajaram até à capital matogrossense os profs. GILBERTO OSÓRIO, MÁRIO LACERDA e TADEU ROCHA. Os dois primeiros apresentaram teses sobre os aspectos fisiográficos e antropogeográficos da Serra Negra; e o último inscreveu-se para fazer uma comunicação sobre a Geografia Industrial de Paulo Afonso, tendo requerido a desistência da apresentação do seu tra-

balho em face da premência de tempo, às vésperas do início das pesquisas de campo. Enquanto este professor viajava com a equipe destinada a estudar um seringal da Amazônia mato-grossense, o professor MÁRIO LACERDA dirigia o grupo de geógrafos encarregado das pesquisas na zona canavieira de Leverger, ficando a cargo do prof. GILBERTO OSÓRIO e do prof. João Dias da Silveira, de S. Paulo, o estudo fisiográfico daquela região de agro-indústria do açúcar.

A última contribuição à nova Geografia pernambucana, em 1953, foi o trabalho do prof. HILTON SETTE sobre "A Micro-Região Geográfica da Serra Negra", publicado pela Faculdade de Filosofia de Pernambuco. Tendo participado da primeira excursão geográfica a essa chapada, o professor recifense mostra a necessidade de ser preservada a paisagem natural da Serra Negra, com a sua floresta tropical resultante do solo e do clima desse verdadeiro oásis no meio das caatingas sertanejas. Em forma de conclusão, o prof. Hilton Sette diz que a ocupação humana da Serra Negra decorre da presença da água: "é a água que realiza o milagre da floresta em região aparentemente tão hostil à flora, é a umidade que responde pela fertilidade do solo profundo, poroso e apto a ser cultivado durante o ano inteiro, são os lençóis subterrâneos que mantêm a perenidade das fontes".

O espírito e as formas da nova Geografia desceram das cátedras universitárias e saíram dos trabalhos de campo afim de atingir o magistério secundário de Pernambuco. Substituindo as extensas enumerações e as cansativas descrições de acidentes geográficos, jovens professores cgressos das nossas Faculdades de Filosofia ou mesmo de formação ainda autodidática começaram a exigir dos seus alunos a compreensão dos fatos de Geografia Física ou Humana, tornando-a uma ciência da vida cotidiana e neutralizando as velhas antipatias que lhe votavam os estudantes de humanidades... Sem esquecer que muitos religiosos abraçaram silenciosamente a nova metodologia geográfica, nos seus estabelecimentos de ensino, passamos a referir, numa citação exemplificativa, os nomes de conhecidos professores recifenses que, sem obras publicadas, vêm ministrando uma Geografia moderna e viva: MARIA INALDE DO RÊGO BARROS, NADIR CARNEIRO DE ASSIS, ÁDERBAL JUREMA, ITAMAR VASCONCELOS, MÚCIO FERNANDES e GERARDO MAGELA DA COSTA.

Concluindo esta tentativa de síntese da evolução da nova Geografia em Pernambuco, queremos registrar o aparecimento de valiosos trabalhos que, tratando de assuntos geológicos, históricos, ecológicos ou sociológicos, estão muito ligados à Geografia do Recife: É o caso do "Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do

Recife", que o sociólogo GILBERTO FREYRE publicou em 1934, e do seu livro "Sobrados e Mucambos" (1936), cuja segunda edição, em 1951, provocou uma série de artigos de crítica sociológica do escritor Gláucio Veiga. Sobre a formação do sítio desta cidade, o prof. VALDEMAR DE OLIVEIRA escreveu uma bem informada tese para concurso na antiga Escola Normal: "Geologia da Planície do Recife" (1942). E a respeito de sua escolha, o historiador OLÍMPIO COSTA JÚNIOR publicou um estudo na "Revista do Norte" (série III, n. 2, 1944), sob o título de "O Recife, o Capibaribe e os Antigos Engenheiros", e o prof. JOSUÉ DE CASTRO editou, em 1948, um ensaio de Geografia Urbana — "Fatores de Localização da Cidade do Recife".

Analisando a ecologia humana desta capital, o jovem ensaísta EIVALDO CABRAL DE MELO escreveu dois estudos: "Aspectos da Descaracterização do Recife" (1951) e "Recife — Uma Introdução ao Estudo das suas Formas e das suas Côres" (1952). Acêrca da evolução urbanística desta cidade no domínio holandês, tornou-se logo uma obra clássica o livro do historiador JOSÉ ANTÔNIO GONÇALVES DE MELO NETO — "Tempo dos Flamengos" — aparecido em 1947. Quanto à influência holandesa em nossa arquitetura, o escritor ADELBAL JUREMA publicou, em fins de 1952, o seu documentado livro "O Sobrado na Paisagem Recifense", em cujos capítulos analisa a importância dos fatores culturais na construção civil desta capital, desde quando era um simples "burgo triste" até possuir os "sobrados e sobradões do século XIX". E a respeito do passado íntimo da metrópole regional do Nordeste, em quatro séculos de existência, o escritor MÁRIO SETTE legou-nos o seu "Arruar", cujas páginas encerram toda a evolução social desta boa e velha cidade materna.

Recife, dezembro de 1953.